

O tropo da visão em Donna Haraway: questões para uma semiótica política da articulação

Tiago Andrade da Silva

Mestrando em Filosofia na UFABC

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/8753419609363897>

silva.tiandrade@gmail.com

36

O problema da representação científica da natureza consiste em um tópico de interesse para os estudos feministas da ciência, e possui um lugar crucial na obra da filósofa e bióloga Donna J. Haraway. Tanto a natureza quanto sua representação objetiva assumem um estatuto metafórico na obra da autora, que trata de deslocar ambos. Emergindo no discurso de Haraway (1992, p. 296) enquanto lugar de inscrição da memória coletiva, um lugar comum disputável, a “natureza” permanece equívoca e um artefato a ser investigado. A autora prefere pensar em termos de “naturezas-culturas”, nas quais estão em jogo as histórias e mundos produzidos pela ciência. Esse conceito nos dá as coordenadas necessárias para nos orientarmos através das relações íntimas entre as construções culturais e a natureza produzida em suas reiteraões na história das ciências.

Frente à contradição entre o avanço tecnológico e a depleção dos recursos naturais caracterizadora do contemporâneo, Haraway se dispõe a produzir novos dispositivos ópticos pelos quais enxergar melhor o presente e estabelecer relações multiespécie articuladas e consequentes. A visão prostética resultante não diz respeito a uma prática de representação, mas a uma visão corporificada, parcial, e responsável pelos modos em que o sujeito da ciência aprendeu a ver.

A visão do cientista que reivindica uma completa transparência e mobilidade, afirmando ser capaz de ver tudo de lugar algum, é contraposta por Haraway (1995, p. 21) a uma perspectiva parcial, e suas reivindicações de verdade são limitadas. Com isso, Haraway (1992, p. 309) busca substituir uma semiótica política da representação do “natural” por uma semiótica política da articulação entre parceiros diversos, tais como ativistas feministas, povos indígenas, a floresta, máquinas e mais-que-humanos. Esses

parceiros insistem na realidade do mundo e na matéria animada, mas não buscam produzir um conhecimento capaz de representar a natureza.

Partindo da noção de perspectiva parcial desenvolvida ao final da década de oitenta na obra de Haraway e trabalhando de modo mais detido uma outra figuração mais recente na obra da autora, os "dedolhos" (fingery eyes), cuja adoção resulta de um diálogo com a escritora Eva Hayward (2010), essa fala tem como objetivo rastrear como as metáforas e os significados associados à visão se desdobram ao longo dos textos da filósofa em uma visão tátil e corporificada, assim como apresentar algumas maneiras em que essas figurações sugeridas por Haraway (2008, p. 259) abrem modos de pensar o que está em jogo em práticas científicas não-representacionais junto às espécies companheiras e à "natureza".

Palavras-chave: Saberes situados. Espécies companheiras. Representação. Feminismo.

Bibliografia

HARAWAY, D. J. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, pp. 7-41, 1995.

_____. The promises of monsters: a regenerative politics for inappropriate/d others. In: GROSSBERG, Lawrence *et al* (eds.). *Cultural studies*. New York: Routledge, 1992, pp. 63-124.

HAYWARD, E. Fingeryeyes: Impressions of cup corals. *Cultural Anthropology*, v. 25, n. 4, pp. 577-599, 2010.